

## A Guerra do Paraguai à luz dos romances *Santo Reis da Luz Divina* e *Río Escarlata*

---

### *The Paraguay War under the light of the novels Santo Reis da Luz Divina and Río Escarlata*

Adenilson Barros de Albuquerque \*  
Instituto Federal do Paraná - IFPR

Jorge Antonio Berndt \*  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Thiana Nunes Cella \*  
Instituto Federal do Paraná - IFPR

223

---

**RESUMO:** A Guerra do Paraguai (1864-1870), também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança, tem na literatura híbrida de história e ficção um espaço de resistência contra o esquecimento e de ressignificações muitas vezes críticas e interpelativas. Trata-se, neste artigo, de parte do percurso da historiografia sobre a Guerra do Paraguai, abordando seus principais aspectos e episódios relevantes como subsídios à compreensão e comparação dos romances históricos *Río Escarlata* (2016), da paraguaia María Eugenia Garay, e *Santo Reis da Luz Divina* (2004), do brasileiro Marco Aurélio Cremasco. Por perspectivas distintas – nacionalista e crítica desconstrucionista, respectivamente –, são obras que reelaboram o tema da Guerra do Paraguai e oferecem possibilidades interpretativas atualizadas. Objetiva-se, dessa forma, demonstrar como essas narrativas são capazes de ressignificar um momento

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e docente do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

\* Licenciado em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

\* Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e docente do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

marcante da história da América Latina e induzir à reflexão sobre o humano, a sociedade a que pertence e o percurso do tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ficção. Guerra do Paraguai. História. Romance histórico.

**ABSTRACT:** The Paraguayan War (1864-1870), also known as War of the Triple Alliance, has in the hybrid literature of History and fiction a space of resistance against oblivion and often a critical and interpellative remeaning. This article deals with parts of the historiography of the Paraguayan War, approaching its main aspects and relevant episodes as subsidies to the understanding and comparison of the historical novels *Río Escarlata* (2016), by Paraguayan María Eugenia Garay, and *Santo Reis da Luz Divina* (2004), by Brazilian Marco Aurélio Cremasco. From different perspectives – nationalist and critical deconstructionist, respectively –, the novels reframe the theme of the Paraguayan War and provide updated interpretive possibilities. In this way, it aims to demonstrate how these narratives are capable of reframing a remarkable moment in the History of Latin America and inducing reflection on humankind, its society and the passage of time.

**KEYWORDS:** Fiction. Paraguayan War. History. Historical novel.

## Introdução

A associação da historiografia à ficção proporciona o nascimento de gêneros híbridos, tais como o romance histórico. Ao recuperar, por meio de outra visada, o passado histórico ainda vivo e sujeito a revisões, essa tipologia narrativa pode tornar-se capaz de ressignificar e ampliar as perspectivas e concepções em relação ao nosso pretérito, contribuindo, portanto, para o desenvolvimento da consciência crítica e descolonizadora dos leitores.

Essa nova visada é seletiva; Weinhardt (2004, p. 29-30) avança nesse sentido ao afirmar que “a concepção de tempo própria a cada época, a cada coletividade, determina os processos de seleção, encadeamento e valoração dos fatos identificados (ou não) como históricos”. Isto é, a maneira e a aplicação da esfera ficcional que se perfazem nas obras estão diretamente relacionadas ao tempo e ao espaço em que o escritor e os leitores estão inseridos.

Em concordância com a noção de que necessitamos “[...] reconstruir o passado a partir do que somos no presente; ou seja, devemos sonhá-lo, explicá-lo, narrá-lo, devemos imaginá-lo”<sup>1</sup> (SALDÍVAR, 2006, p. 47-8, tradução nossa), voltamo-nos a dois romances sobre a Guerra do Paraguai, a fim de observarmos como, em suas narrativas, o diálogo com o passado confere novos contornos a noções cristalizadas da história tradicional.

Para alcançar esse intento, apresentamos, em um primeiro momento, algumas considerações históricas e historiográficas sobre a guerra com o intuito de promover e potencializar um espaço para a análise e confrontação das posições apresentadas pelas narrativas ficcionais. Em seguida, apresentamos as leituras dos romances *Río Escarlata* (2016), de María Eugenia Garay, e *Santo Rei da Luz Divina* (2004), de Marco Aurélio Cremasco, para mostrarmos como, no romance histórico, o discurso da história e o discurso literário estabelecem um diálogo reatualizado entre o passado e o presente, e convidam à ampliação do conhecimento sobre o nosso passado e, conseqüentemente, de nós mesmos, tal como aponta Induráin (1995).

### **Guerra do Paraguai (1864-1870): aspectos de história e historiografia**

A historiografia é material discursivo e o que distingue “[...] os historiadores é a forma como cada um deles vê, ou lê, os documentos, e como transforma aquilo que apreendeu numa narrativa textual ou visual com características próprias” (BEBIANO, 2018, p. 44). Sem desconsiderarmos esse caráter pluri-interpretativo da história, voltamo-nos às principais personagens e eventos da Guerra do Paraguai que, segundo Doratioto e Vidigal (2014), decorre de uma série de intervenções jurídicas, econômicas, militares e ideológicas.

---

<sup>1</sup> [...] reconstruir el pasado con lo que somos en el presente; esto es, debemos soñarlo, glosarlo, narrarlo, debemos imaginarlo.

A partir de conflitos políticos envolvendo Brasil e Uruguai, o exército paraguaio reagiu em favor dos orientais e capturou, em dezembro de 1864, o vapor brasileiro Marquês de Olinda, que se encontrava no Rio Paraguai. Atacou, em seguida, o Mato Grosso e a província argentina de *Corrientes*. No primeiro dia de maio de 1865, Argentina, Brasil e Uruguai assinaram sigilosamente o Tratado da Tríplice Aliança e iniciaram a invasão do Paraguai. Nesse cenário, o presidente do país e comandante do exército paraguaio, Solano López, reagiu e inflou, em Tuiuti, em 24 de maio de 1866, a maior batalha já ocorrida na América Latina. As condições sob as quais ela se desenvolveu não foram vantajosas aos paraguaios, de modo que o combate findou com a derrota dos beligerantes lopistas. Alguns meses depois, contudo, as expectativas dos aliados desvaneceram, quando, ao colocarem em ação a estratégia de assalto de Curupaiti, foram surpreendidos pela contrainvestida paraguaia. As perdas dos atacantes, segundo Thompson (1869), chegaram a nove mil homens, entre mortos, feridos ou capturados.

Após uma pausa de quase dois anos para recomposição de ambas as forças bélicas, o então Marquês de Caxias conduziu os aliados rumo aos arredores de Assunção, onde foram travadas as batalhas decisivas de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. Ao final dessa empreitada, com Caxias dando a guerra por terminada e com a fuga de López para *Cerro-León*, o Conde d’Eu foi nomeado comandante-em-chefe do exército imperial e conduzido ao país vizinho para encontrar e assassinar o líder foragido. Assim, no começo de agosto daquele ano, em Peribebuí, ocorreu uma “[...] ampla execução, em parte por degola, de adultos e, talvez, sobretudo, de adolescentes e de crianças, devido a apresentarem menor resistência.” (MAESTRI, 2013, p. 51). Quatro dias depois, avançou-se sobre *Acosta Ñu/Campo Grande*, onde a resistência paraguaia, formada por idosos, mulheres, crianças e adolescentes praticamente desequipados, não foi capaz suportar a violência do ataque.

Dentre outras razões, por ser “[...] o conflito mais longo e sangrento de toda a história da América Latina”<sup>2</sup> (BARATTA, 2013, p. 99, tradução nossa), a Guerra do Paraguai inspirou numerosas interpretações. No Brasil, a princípio, algumas leituras destacaram o “[...] heroísmo e a abnegação das forças armadas do país em defesa do Brasil e da ‘civilização’” (MAESTRI, 2008, p. 2), como observamos em *Retirada da Laguna* (2003), de Alfredo d'Escragnonne Taunay, publicado em 1868. Mais tarde, esses valores foram intensificados por meio “[...] da narrativa nacional-patriótica construída através da seleção-organização das apologias do Estado e das classes dominantes imperiais” (MAESTRI, 2008, p. 4), as quais, com nomes como Duque de Caxias e General Osório, teriam derrotado o ditador López.

Essas leituras começaram a perder força a partir da década de 1970. Com a publicação de *Genocídio americano* (1979), de Júlio José Chiavenato, por exemplo, promoveu-se um revisionismo oposto ao que se fazia anteriormente. Conforme Maestri (2008), tal texto acusou o liberalismo inglês, efetivado nas elites portenhas e imperiais, de estimular a belicosidade platina; desorganizou as representações hegemônicas, como “[...] a retórica sobre os Voluntários da Pátria e os grandes feitos do exército imperial, apresentou um novo Duque de Caxias, um novo Conde d'Eu, e apresentou ao Brasil, sobretudo, um novo Paraguai, muito diferente da visão nacional-patriótica [...]” (QUEIRÓZ, 2011, p. 14).

Apoiados na onda liberal dos anos 1980, os novos historiadores da Guerra do Paraguai rejeitaram a maior parte das interpretações de *Genocídio americano*. A história passou a ser “[...] lida como produto da ação errática de protagonistas excelentes e os fenômenos sociais, como produto de determinações ideológico-culturais.” (MAESTRI, 2008, p. 11). Odair Eduardo Geller (2018) enxergou nessa fase um entendimento da ampla complexidade

---

<sup>2</sup> [...] la contienda más larga y sangrienta de toda la historia de América Latina.

da Guerra, sendo capaz de proporcionar a pacificação dos ressentidos em direção a uma colaboração pacífica.

Por outro lado, no Paraguai, depois de um período em que predominou a replicação dos conceitos da primeira fase historiográfica brasileira, com a ascensão da ditadura nacionalista do partido colorado, surgiu uma recuperação do heroísmo dos paraguaios e de López. No *Manual de Historia paraguaya*, por exemplo, Luis Benitez (1970, p. 101, tradução nossa) enaltece o confronto de Piribebuí e o general Caballero: “Piribebuy; Praça defendida pelo comandante Pedro Pablo Caballero, resistiu heroicamente a vários ataques brasileiros”<sup>3</sup>. Essa mesma leitura já havia sido figurada anteriormente em *El Libro de los heroes*, de Jean O’leary (1922, p. 34, tradução nossa), com a valorização do patriotismo nacionalista em que “[...] nada é impossível para um coração atrevido, que luta em defesa de sua terra ameaçada”<sup>4</sup>.

Com a decadência do ufanismo estatal paraguaio e a instauração da democracia nas décadas de 1980 e 1990, os estudiosos começaram a considerar outros vieses. Questões como a interferência britânica na Guerra passaram a ser desmistificadas, pois, conforme Liliana Brezzo (2003, p. 171, tradução nossa), “[...] a evidência disponível até o momento presta surpreendentemente pouco apoio empírico”<sup>5</sup>. Para Peiró Barco (2001), entretanto, os trabalhos históricos da tradição paraguaia, como um todo, estariam mais para abordagens subjetivas de grandes personagens e acontecimentos do que para uma disciplina investigativa e científica.

Ao recapitularmos eventos e personagens da Guerra do Paraguai, como os comandantes López, Caxias e Conde D’eu, e as batalhas de Tuiuti, Curupaiti e

---

<sup>3</sup> Piribebuy; Plaza defendida por el comandante Pedro Pablo Caballero, resistió heroicamente varios ataques brasileños.

<sup>4</sup> [...] nada es imposible a un corazón intrépido, que lucha en defensa de su tierra amenazada.

<sup>5</sup> [...] la evidencia disponible hasta el momento presta sorprendentemente poco apoyo empírico.

Campo Grande, traçamos alguns dos elementos das interpretações historiográficas brasileiras e paraguaias. A partir delas, seguimos para a apreciação dos romances *Río Escarlata* (2016) e *Santo Reis da Luz Divina* (2004), os quais, por diferentes perspectivas da história – e diferentes circunstâncias durante os conflitos –, buscam efabulá-la, ora promovendo uma visão nacionalista, ora proporcionando a ressignificação crítica do passado da guerra.

### **História e representação ficcional: posturas opostas, narrativas complementares**

Em *Río Escarlata* (2016), de María Eugenia Garay, a personagem central é Francisco Solano López; e a postura ficcional em relação à historiografia paraguaia revela-se condizente com o nacionalismo laudatório que tem em López seu herói fundamental. Garay (2016, p. 11, tradução nossa), nesse que é um dos mais recentes romances históricos publicados sobre a Guerra Grande, nos agradecimentos, enaltece os historiadores e, no prólogo, informa que recorre

[...] à ficção de fazer falar o Marechal Francisco Solano López, dou vida a essas palavras que jamais pôde pronunciar para defender-se. Utilizei a intuição para tentar entrar nos passados de sua memória, valendo-me da imaginação para alinhar feitos que estão dispersos em um sem fim de documentos que reuni, compilei e assim materializei sua voz.<sup>6</sup>

A reunião desses documentos e o uso da imaginação para dar voz à personagem histórica estão ancorados no revisionismo paraguaio – posterior aos primeiros anos em que a interpretação dos aliados também imperava naquele país – a partir do qual figuras militares como Solano López aparecem

---

<sup>6</sup> [...] a la ficción de hacer hablar al Mariscal Francisco Solano López, doy vida a esas palabras que jamás pudo pronunciar para defenderse. Utilicé la intuición para intentarme en los pasadizos de su memoria, valiéndome de la imaginación para hilvanar hechos que están dispersos en un sinfín de documentos, que reuní, compilé y así materialicé su voz.

como base de um sentimento patriótico nacionalista, muitas vezes desvinculado do necessário distanciamento crítico sobre o passado que lançaria as bases para o entendimento sobre o presente.

Quanto à estrutura do romance, intercalam-se a narração extradiegética e interpretativa de eventos históricos com a participação autodiegética da personagem Solano López que, durante uma noite, reunido aos oficiais, está convencido de que “[...] deve vencer a adversidade e conceber o impossível, infundir no seu povo as chaves do heroísmo, porque é peremptório reinventar a esperança.”<sup>7</sup> (GARAY, 2016, p. 11). Ainda no prólogo, assinado por *La autora*, temos a primeira interferência da personagem em palavras consideradas proféticas:

Seremos vilipendiados por uma geração surgida do desastre, que levará a derrota na alma e, como um veneno no sangue, o ódio do vencedor efêmero. Mas virão outras gerações que nos farão justiça. Eu serei mais escarnecido que os senhores, serei posto fora da lei de Deus e dos homens, e me afundarão baixo uma montanha de ignomias. Mas também chegará o meu dia, e então surgirei do abismo das calúnias, para ir crescendo aos olhos da posteridade, até chegar a ser o que necessariamente terei que ser nas páginas da história (GARAY, 2016, p. 12, tradução nossa).<sup>8</sup>

Aquela “geração surgida do desastre” é a que esteve no Paraguai nas últimas décadas do século XIX e compartilhava, em certa medida, o sentimento de que Solano López teve grandes responsabilidades no modo como declarou guerra contra o que viria a ser a Tríplice Aliança e encaminhou-se para a derrota definitiva. Foi especialmente com os governos militares, à frente do país durante quase todo o século XX, que a retomada nacionalista passou à

<sup>7</sup> [...] debe vencer a la adversidad y concebir lo imposible, infundirle a su Pueblo las claves del heroísmo, porque es perentorio reinventar la esperanza.

<sup>8</sup> Seremos vilipendiados por una generación surgida del desastre, que llevará la derrota en el alma y, como un veneno en la sangre, el odio del vencedor efímero. Pero vendrán otras generaciones que nos harán justicia. Yo seré más escarnecido que vosotros, seré puesto fuera de la ley de Dios y de los hombres, y se me hundirá bajo las montañas de ignomias. Pero también llegará mi día, y entonces surgiré del abismo de las calumnias, para ir creciendo a los ojos de la posteridad, hasta llegar a ser, lo que necesariamente tendré que ser en las páginas de la historia.

proporção capaz de, em pleno ano de 2016, vir a público um romance como *Río Escarlata*. Sua missão, parece clara no trecho citado anteriormente, é reafirmar a presença de Solano López nos altos pedestais da história.

O narrador extradiegético traz elementos históricos e culturais inerentes ao Paraguai e à formação latino-americana desde o período colonial sob as coroas portuguesa e espanhola até as independências. Ao referir-se ao contexto paraguaio, a voz enunciativa afirma que

[...] os que conformavam esta sociedade não tinham nenhuma semelhança com o resto daquele continente submetido ao jugo dos interesses econômicos de fora. E este foi precisamente o detonador do conflito. Sem costas para o mar, carentes de metais valiosos ou pedras preciosas, a agreste paragem não apresentava motivos de incentivo para a cobiça dos estrangeiros (GARAY, 2016, p. 54-55, tradução nossa).<sup>9</sup>

Depreendemos nesses argumentos a ideia de uma sociedade paraguaia que, por estar distante dos grandes centros econômicos do continente e não oferecer riquezas naturais específicas, ficou por muito tempo aquém dos interesses coloniais. Seria o desejo de expansão do império inglês que desencadearia a guerra e a abertura comercial no país até então à margem das rotas internacionais de mercado. Essa postura dialoga com a corrente historiográfica que compreende a guerra como consequência da presença internacional nas questões regionais da América do Sul.

Para a personagem Solano López, os paraguaios guerreavam

[...] para defender o que é nosso, é a causa da Pátria, um sentimento unânime de repulsa ao invasor que o nosso Povo. Eles atacam para satisfazer as ambições de seus retorcidos hierarcas, pela causa da cobiça pessoal de seus governantes, divorciada do

---

<sup>9</sup> [...] quienes conformaban esta sociedad no tenían ninguna similitud con el resto de aquel continente sometido bajo el jugo de los intereses económicos foráneos. Y éste precisamente fue el detonante del conflicto. Sin costas al mar, carentes de metales valiosos o piedras preciosas, el agreste paraje no presentaba motivos de incentivo para la codicia de los extranjeros.

sentimento de seus povos. Essa é a diferença abismal entre uns e outros (GARAY, 2016, p. 85, tradução nossa).<sup>10</sup>

Aqui mais uma vez se reafirmam o patriotismo e a legitimidade de uma ação heroica pela coletividade nacional, o que não haveria em igual medida nos países vizinhos, contaminados pela cobiça de seus dirigentes. Ao insistir na acusação de que “[...] os inimigos que têm o apadrinhamento econômico e político da Inglaterra, ocultam os prolegômenos, nos jogam toda a culpa e depois nos condenam ante o mundo, sem apelação possível de nossa parte”<sup>11</sup> (GARAY, 2016, p. 76, tradução nossa), a personagem histórica apela às gerações seguintes para que estabeleçam a “verdade”, pois “[...] um povo sem história, um povo sem passado, é como uma árvore carente de raízes, pouco sustento terá para fazer frente aos vendavais. Será frágil e maleável.”<sup>12</sup> (GARAY, 2016, p. 103, tradução nossa).

O enraizamento dessa árvore vem sendo efetivado no Paraguai com evidente teor ideológico muitas vezes fechado e intolerante às ameaças que possam abalar suas estruturas. María Eugenia Garay participa dessa atividade quando publica este romance histórico de linguagem acessível e devedor da historiografia que, contestável em muitos aspectos, sustenta o orgulho nacional de parte majoritária da população paraguaia. Narrador e personagem, portanto, reafirmam essas diretrizes e o Solano López ficcional se despede dos oficiais militares, após uma noite inteira de ensinamentos, quando os raios de sol já apresentavam um rio escarlata ao amanhecer o dia. A segunda narrativa híbrida de história e ficção que reelabora o contexto histórico da Grande Guerra, como já mencionamos, é *Santo Reis da Luz*

---

<sup>10</sup> [...] por defender lo que es nuestro, es la causa de la Patria, un sentimiento unánime de repulsa al invasor une a nuestro Pueblo. Ellos atacan para satisfacer las ambiciones de sus retorcidos jercas, por la causa de codicia personal de sus gobernantes, divorciada del sentimiento de sus pueblos. Esa es la diferencia abismal entre unos y otros.

<sup>11</sup> [...] los enemigos, que tienen el padrinazgo económico y político de Inglaterra, ocultan los prolegómenos, nos echan toda la culpa y luego nos condenan ante el mundo, sin apelación posible de nuestra parte.

<sup>12</sup> [...] un pueblo sin historia, un pueblo sin pasado, es como un árbol carente de raíces, poco sustento tendrá para hacer frente a los vendavales. Será frágil y maleable.

*Divina*, de Marco Aurélio Cremasco (2004). O romance revela uma postura notoriamente crítica em relação à historiografia tradicional. Em busca de desmistificar e fragilizar a representação do passado – potencializada por meio da sobreposição de diferentes momentos históricos –, a narrativa apresenta uma versão da história sob múltiplas perspectivas, estabelece uma ruptura concreta com os modelos exaltadores das versões historiográficas – por meio da paródia, da sátira e de exageros – e, assim, recupera uma faceta da guerra que a historiografia tradicional nacional nem sempre aborda.

O universo diegético de *Santo Reis da Luz Divina* (2004) está dividido em três grandes eixos narrativos. Neles são relatadas as histórias de três personagens: Dionisio Figueira Barros, herói da Guerra do Paraguai; Santo Reis, farmacêutico que se torna uma lenda durante a entrada do Estado Novo; e Marco Reis Vitalli, que nos reconta a história da avó, dona Esperança, durante o período da ditadura militar, 1964-1985. Junto às personagens ficcionais, diversas personalidades históricas são inseridas à narrativa, tais como o mesmo Francisco Solano López e Getúlio Vargas, líder da revolução de 1930, que instaurou o regime autoritário do Estado Novo no Brasil.

Toda a narrativa é extremamente fértil, entretanto, por razões da afinidade representativa inerente a este artigo, optamos por focar apenas a primeira parte do romance. Nessa, há a oscilação entre o foco narrativo extradiegético e o foco intradiegético em primeira pessoa, em que as personagens Dona Esperança e Coronel Dionisio Figueira Barros rememoram e relatam episódios sobre a Guerra do Paraguai. No universo narrativo, as memórias, carregadas de traços de oralidade, superstições e histórias, colaboram para a construção do enquadramento histórico do romance, de seu espaço geográfico e social, complementando o imaginário da época, além de situar suas personagens no contexto pós-Guerra do Paraguai.

Propulsor de questionamentos ao leitor atento, os episódios sobre a Grande Guerra são apresentados frequentemente por meio de anacronismos, exageros e distorções deliberadas. Exemplar desses exageros e distorções ocorre no seguinte trecho, em que é representado o modo com que a população foi recrutada para ir à guerra:

O Imperador dará uma grande festa. Avisem a todos e, em especial, aos desempregados, vagabundos, à escória da Corte que emporcalha o Paço Imperial. Tragam a banda e o bando. Dos embriagados, teremos os Voluntários da Pátria. Boa música, senhor Coronel. Bom vinho, não é mesmo, meu bom sujeito? Então tome mais! Posso embebedar-me. Fará diferença? Penso que não, pois as noites foram criadas para a farra, senhor Coronel. Que assim seja, tome mais. (CREMASCO, 2004, p. 19).

Na narrativa, os soldados foram embebedados e, ainda embriagados, arrastados para fora da cidade, com a intenção de que quando estivessem sóbrios já não pudessem retornar. O que revela a intenção maliciosa no recrutamento de soldados, e também a falta de interesse da população em se juntar à empreitada. Esse fragmento também demonstra os contornos satíricos que a obra apresenta em sua totalidade, ao mesmo tempo em que desconstrói o ideal de soldado, pois, em vez de homens procurando defender os ideais da nação, os soldados são a escória, desocupados e indolentes que tampouco queriam fazer parte do conflito.

Essa intenção destruidora é uma constante na narrativa. Ainda em sua epígrafe, o romance reflete aquilo que pretende: desconsiderar detalhes verossímeis, tais como datas e personagens históricas protagônicas, e repassar uma possibilidade narrativa de diferentes momentos brasileiros conturbados, muitas vezes, omitidos pela historiografia tradicional. Avisa, também, sobre as múltiplas possibilidades de verdades envoltas às verdades históricas que são reelaboradas pela ficção:

Ano a mais, ano a menos já não importa, pois dias e horas são coisas do passado em que à memória de quem conta dá-se o desconto por

estar cansada. Mas o vinho em carvalho envelhecido de tão raro e valoroso guarda o tempo e o segredo de não ser bebido. Abrimos, pois, o tonel de algumas verdades e outras tantas inventadas. A bênção (CREMASCO, 2004, p. 7).

No universo diegético, a personagem Coronel Dionisio é vista como um herói e é exaltada nas paragens do Paraná por ter participado ativamente da Guerra do Paraguai. No entanto, sua autopercepção rompe com a noção positiva do herói, impregna-o de ressentimento e estigma da vileza, pois é aquele que também carrega consigo a vergonha dessa participação como uma penitência constante:

Os negros estão mortos por ser assim fácil eliminá-los sem custo e sem remorso. Vou rogar a Nossa Senhora da Glória para que olhe por nós do mesmo modo que não olhamos para as mães daqueles cristinhos paraguaios, mortos por defenderem os corpos esfaqueados de seus pais e de seu país. Ganhei honra de ser sepultado vivo na vergonha. Poderia voltar com as tropas de Caxias, porém regressei com os trapos. Cuspi naqueles que me fizeram ferida na perna. Hoje, trago a cicatriz acima do joelho e no fundo da alma. Feridas que amargam a lembrança e me deixam com vergonha de sorrir. Amanhã, sim, amanhã serei homenageado nessa santa cidade de São Paulo (CREMASCO, 2004, p. 33).

As versões convencionais da história apresentam a perspectiva dos vencedores, revelando-os como verdadeiros heróis de guerra, dignos de respeito e admiração, que triunfaram nas batalhas. A personagem Coronel Dionisio apresenta uma postura distinta: aquela de quem conheceu as falhas éticas e morais da Guerra Grande. Assim, na narrativa ficcional, é exemplar da subversão aos moldes tradicionais e instala uma revisão crítica e de resistência em frente à história hegemônica, ao desconstruir a imagem de herói por ela propagada. Nesse mesmo sentido, verificamos ainda que a utilização de termos e situações impactantes são fundamentais para a ruptura com visões cristalizadas da história, como verificamos no trecho a seguir, em que os atos de violência e abuso sexual – comuns durante guerras – é reexaminado:

Hoje vejo que sou um grande homem aos pequenos olhos dos paulistanos, das damas que — por certo — me trarão suas filhas donzelas para assim desposá-las. Desabrochei flores paraguaias na marra. Quantas vestes, tais como pérolas, arranquei aos dentes para mergulhar, faminto, a língua no suor de suas vaginas. Tragam-me suas donzelas. Tragam-nas que as tragarei para o meu poço de culpa. Ah! Cristo! Abaixa a cabeça nessa cruz, pois a minha sustentarei sempre no prumo de um precipício (CREMASCO, 2004, p. 35).

Para corroborar essa ruptura, o universo ficcional é apresentado com foco narrativo intradieético em primeira pessoa, no formato de recordações das personagens, recurso que aproxima o narrador de seu receptor e conduz o leitor a uma maior identificação com a trama e sua perspectiva dos fatos históricos. Por meio dessas e de outras estratégias, podemos perceber que o novo romance histórico *Santo Reis da Luz Divina* (2004) apresenta uma perspectiva não convencional dos fatos e personagens comumente exaltados pela historiografia, aproximando-se às novas perspectivas historiográficas surgidas em fins do século XX. Comporta-se, assim, como um espaço de interpelação crítica, munido de traços memoriais, que dialoga com um importante e conturbado episódio da história da América Latina. Dessa maneira, em consonância a Mata Induráin (1995, p. 60, tradução nossa), a narrativa ficcional contribui ao “[...] recuperar nossa memória histórica, a memória coletiva de um povo e, assim, a aprofundar a nossa liberdade.”<sup>13</sup>.

*Río Escarlata* e *Santo Reis da Luz Divina*, por vias distintas de consideração da história, buscam representá-la de maneira a reafirmar o nacionalismo paraguaio de ordem lopista, no caso do primeiro, e de estabelecer crítica à condução brasileira e aos horrores da guerra, expressa no segundo. Essas obras, cada uma à sua maneira, são capazes de invocar um exercício de ressignificação e reflexão sobre o passado. Enquanto a narrativa paraguaia volta-se à heroização nacionalista — ao contrário de autores daquele país, como Guido Rodríguez Alcalá e Maybell Lebron que, em seus respectivos

<sup>13</sup> [...] a recuperar nuestra memoria histórica, la memoria colectiva de un Pueblo y, por tanto, a profundizar en nuestra libertad.

romances *Caballero* (1986) e *Pacha* (2000), contestam o tradicionalismo ideológico imperante em escritores como María Eugenia Garay —, a narrativa brasileira apresenta uma versão contestadora da historiografia tradicional, em que as personagens protagônicas e seus feitos são apresentadas de forma não velada, com uma perspectiva crítica e interpeladora.

Em *Río Escarlata*, deparamo-nos com o que a autora expôs como sendo uma história que “faz López” falar, a partir da criação imaginativa embasada em pesquisa documental. O romance defende sentimentos patrióticos e busca garantir ao herói o lugar de figura máxima em seu país, protegendo-o dos “caluniadores” e da “cobiça dos estrangeiros”, aproximando-se da postura ufanista da historiografia paraguaia. *Santo Rei da Luz Divina*, por sua vez, estabelece uma leitura a contrapelo da historiografia tradicional ao apresentar posições contraditórias ao perpetuado convencionalmente por esta; rompe, portanto, com as imagens cristalizadas no imaginário nacional do herói da Guerra do Paraguai, bem como da guerra em si, e encaminha-se, assim, para o questionamento e a desestabilização da legitimidade da história oficial.

Diante da história e da historiografia da Guerra do Paraguai, cambiantes, os romances históricos ora analisados surgem como instrumentos capazes de acusar e defender posições, que passam a circular como modos possíveis de articulação interpretativa sobre elementos que têm importância coletiva e perspectivas — lócus discursivos — distintas. Além de envolver diretamente quatro países nos conflitos bélicos, as causas e consequências da guerra encaminham-se para a posteridade, e as lutas seguem acirradas. As narrativas ficcionais são parte desse jogo e sua circulação, muitas vezes restrita aos círculos intelectuais, contribuem para a formação crítica de pessoas cuja potencialidade de figurarem como formadoras de opinião não é irrelevante.

## Algumas considerações

A partir das breves considerações a respeito da historiografia sobre a Guerra do Paraguai e das análises dos romances *Río Escarlata* (2016), de María Eugenia Garay, e de *Santo Reis da Luz Divina* (2004), de Marco Aurélio Cremasco, verificamos que a produção de romances históricos tende a ultrapassar e distender as percepções da historiografia tradicional. Isso ocorre, ainda, sem que a narrativa híbrida de história e ficção seja minada pela dicotomia do falso ou verdadeiro, ou por uma suposta incompatibilidade entre o discurso histórico e o discurso ficcional, pois, seguindo Mata Induráin (1995), a literatura e a história não são inconciliáveis, ambas trabalham de forma complementar: enquanto a primeira caracteriza-se pela fantasia, imaginação e ficção, a segunda constitui-se pelo rigor, fidelidade e precisão.

Além disso, as narrativas híbridas de história e ficção por nós analisadas acompanham as tendências ao revisionismo e à interpelação crítica do passado — possíveis a partir da Nova história —, as quais encaminham o texto literário para rumos divergentes daqueles sistematizados pela historiografia hegemônica, seja ela propulsora de uma perspectiva laudatória ou não de seus vencedores ou vencidos. Nesse sentido, aproximamo-nos novamente da percepção de Mata Induráin (1995), para quem o romance histórico se comporta como indutor à reflexão do homem contemporâneo sobre si mesmo e sobre o percurso do tempo.

Nesse gênero literário, que comunga da historiografia e da ficção, o presente e o passado se harmonizam a partir da vinculação do presente aos conhecimentos do passado e, deste, ao mundo atual, possibilitando-nos contemplar o presente e o futuro sob novas perspectivas. *Río Escarlata* e *Santo Reis da Luz Divina* funcionam, assim, como um convite à reatualização da história, à expansão da consciência sobre a experiência do passado e, por efeito, à percepção sobre nós mesmos e nossa sociedade.

## Referências

- BARATTA, M. V. La Guerra del Paraguay y la historiografía argentina. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 7, n. 14, p. 98-115, 3 set. 2013.
- BEBIANO, Rui. Hayden White e o problema da narrativa. *Práticas da História: Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n. 6 (2018): 41-50.
- BENITEZ, Luis G. *Manual de Historia paraguaya: para el primer curso del ciclo básico*. Asunción: El Arte, 1970.
- BREZZO, Liliana. La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad. In. *Diálogos*, DHI/UEM, v. 7, 2003, p. 157-175.
- CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- CREMASCO, Marco Aurélio. *Santo Reis da Luz Divina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- DORATIOTO, Francisco; VIDIGAL, Carlos Eduardo. *História das relações internacionais do Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2014.
- GARAY, María Eugenia. *Río Escarlata: Guerra de la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2016.
- GELLER, Odair Eduardo. *José Bernardino Bormann, José Ignacio Garmendia e Juan Crisóstomo Centurión e a constituição narrativa da guerra contra o Paraguai*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, UFPR, 2018.
- LEBRON, Maybell. *Pancha*. Asunción: Arandurã, 2014.
- INDURÁIN, Carlos Mata. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: SPANG, K.; ARELLANO, I.; MATA-INDURÁIN, C. *La novela histórica: teoría y comentarios*. Barañain: Eunsa, 1995, p. 13-63.
- MAESTRI, Mário. A Guerra contra o Paraguai: História e Historiografia: da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]. La Guerra del Paraguay: historiografías, representaciones, contextos - *Anual del CEL*, Buenos Aires, 3-5 de noviembre de 2008. Museo Histórico Nacional, Defensa 1600 Nuevo Mundo/Mundos Nuevos. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/55579>. Acesso em: 01 abr. 2020.

MAESTRI, Mário. Piribebuy, a capital mártir: história, historiografia e ideologia na Guerra no Paraguai. In: *Estudos ibero-americanos*, Rio Grande do Sul, v. 39, 2013. p. 32-53.

O'LEARY, Juan E. *El libro de los héroes*. Asunción: Librería la Mundial, 1922.

PEIRÓ BARCO, José Vicente. *Literatura y sociedad: la narrativa paraguaya actual (1980-1995)*. Tesis (doctorado en filología) – Uned, 2001.

QUEIRÓZ, Silvânia. História e historiografia: revisando a obra “Genocídio americano: a guerra do Paraguai”, de J.J. Chiavenato. In: Simpósio Nacional de História, 26., 2011, São Paulo. *Anais do Simpósio Nacional de História*. São Paulo: Anpuh, 2011, p. 1-16.

RODRÍGUEZ ALCALÁ. *Caballero*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1987.

SALDÍVAR, Norma Garza. La memoria del palimpsesto. *Metapolítica*, n. 47. Mayo-junio, 2006.

TAUNAY, Alfredo d'Escragno. *A retirada da Laguna*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

THOMPSON, George. *The war in Paraguay*. London: Longmans, Green and Co., 1869. *E-book*.

WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo: estudos sobre romances do sul*. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

Recebido em: 27 de julho de 2020.  
Aprovado em: 28 de outubro de 2020.